

Universo Simbólico de São Francisco de Assis: uma leitura de imagens à luz da teoria durandiana

Symbolic universe of Saint Francis of Assisi: a reading of images in the light of the durandian theory

Roberta Bassani Federizzi¹
Graciela René Ormezzano²

DOI: 10.19177/memorare.v6e1201915-35

Resumo: A temática deste estudo está voltada para a leitura de fotografias que registram objetos pessoais de São Francisco de Assis. O objetivo da pesquisa foi interpretar as imagens dos objetos no intuito de tentar compreender o significado, a partir do conteúdo mítico-simbólico embasado na teoria de Gilbert Durand. O corpus deste estudo bibliográfico se compõe de três imagens fotográficas que indicam a presença do santo. A metodologia utilizada foi a hermenêutica simbólica. Francisco usava vestimentas simples, espelhando-se nos hábitos dos camponeses, pastores e monges. Túnica, cingulo e bastão faziam parte da indumentária franciscana. Ele e os seguidores da ordem costuravam suas próprias roupas em formato de tau, sentindo-se protegidos por Cristo e atados Nele com o cordão. O bastão também possuía forma de tau para ajudá-lo a guiar seu rebanho, seguindo as normas da Regula Bullata, fazendo com que os ensinamentos de Jesus Cristo fossem efetivamente praticados.

Palavras chave: Leitura de imagens. São Francisco de Assis. Imaginário. Idade Média.

Abstract: The theme of this study is focused on reading images that record the personal objects of St. Francis of Assisi. The objective of the research was to interpret the images of objects with the intention to understand the meaning, based on the mythic-symbolic content based on Gilbert Durand's theory. The corpus of this bibliographic study is composed of three photographic images that indicate the presence of the saint. The methodology used was symbolic hermeneutic. Francis wore simple vestments, mirroring the habits of peasants, shepherds and monks. Tunic, cingulum and stick were part of the Franciscan clothing. He and the order followers sewed their tau-shaped clothes, feeling protected by Christ, and tied to Him with the cord. The stick also had the shape of a tau to help him guide his flock, following the rules of Regula Bullata, making the teachings of Jesus Christ worthily practiced.

Keywords: Reading images. Saint Francis of Assisi. Imaginary. Middle Ages.

¹ Doutora em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Docente da Faculdade da Associação Brasileira de Educação (FABE). E-mail: robe.bassani@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Aposentada dos Programas de Pós-graduação em Letras e Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Educação Estética, História e Imaginário. E-mail: gormezzano@upf.br.

1 Introdução

A imagem pode ser lida, interpretada, descrita, analisada, portanto, constitui-se num texto visual. “Uma imagem não é jamais mero produto individual, mas uma peça essencial no vasto mecanismo instável de um sistema social” (FRANCO JÚNIOR, 2010, p. 83). Ler imagens é uma atividade que requer a imersão no imaginário. O imaginário é a configuração que dá sentido ao mundo, a tudo o que existe. Envolve as capacidades individuais e coletivas, sendo fundamentadas na percepção do espaço e na passagem do tempo (DURAND, 2002).

A temática deste estudo, vista desde uma perspectiva da teoria do imaginário, está voltada para a leitura de fotografias que registram três objetos pessoais de São Francisco de Assis. Ele recebeu esse título por ter nascido na cidade de Assis, Itália, e, foi santificado por se valer do exemplo de Jesus Cristo, propagando os preceitos cristãos numa tentativa de criar uma nova sociedade baseada no amor e na humildade. Assim, o problema desta pesquisa questiona: Qual o significado que pode ser dado à leitura imagética de três objetos pessoais de São Francisco? Para responder esta questão, o objetivo do estudo foi interpretar as imagens dos objetos vinculados ao santo no intuito de tentar compreender o significado, a partir do conteúdo mítico-simbólico embasado na teoria de Gilbert Durand.

Os objetos do santo em estudo foram selecionados seguindo o critério de uso pessoal: a túnica, o cingulo³ e o bastão. As imagens da túnica e do bastão foram coletadas em La Verna e o cordão na Igreja de Santa Clara em Assis, locais por onde Francisco transitou e deixou impressas marcas da sua passagem.

Para esta investigação nos ancoramos numa abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, não podendo ser quantificáveis. Assim, escolhemos a teoria de Durand (1996), para quem uma investigação científica justifica-se por duas maneiras: pela sua oportunidade histórica e pela pertinência do seu objetivo. Nosso autor de base, ao falar de hermenêutica como método qualitativo, refere que a qualificação consiste em atribuir qualidade bem definida a um objeto, a um ato ou a uma situação. Ao iniciar essa qualificação, podemos interpretá-la de forma a “[...] pôr em evidência as tensões e os escrúpulos que existem no seio da obra entre esta ou aquela estrutura” (DURAND, 1996, p. 253).

Tendo por base essa premissa, envolvemo-nos com as imagens, pois elas comunicam, motivam recordações e inúmeras leituras, lançando pontes entre as ciências humanas. Nesse universo, a hermenêutica simbólica, por sua condição interpretativa, apresenta afinidades com o espírito de iniciação, que culmina na interpretação dos símbolos, presumindo uma espécie de autonomia nas

³ Cordão ou corda amarrado na cintura como parte do hábito.

significações simbólicas, tanto visuais como literárias (WUNENBURGER, 2007). E o autor mencionado ainda diz: “Como um exercício da interpretação, a hermenêutica simbólica foi primeiramente utilizada nos textos mítico-religiosos da antiguidade pagã ou da tradição bíblica” (WUNENBURGER, 2007, p. 32).

Neste estudo utilizamos como corpus três imagens fotográficas registradas in loco em dois pontos importantes do Caminho de Assis, na região da Úmbria- Itália: La Verna e Assis, que indicam a presença de são Francisco de Assis, valemo-nos da hermenêutica simbólica, promovendo um exercício de interpretação que compreende o símbolo, pois o simbolismo é frequente nas manifestações das experiências religiosas, na antropologia objetiva, na compreensão detalhada dos seres nas mais variadas dimensões socioculturais. Portanto, tentamos buscar o significado para tornar as imagens compreensíveis. Os passos para a leitura interpretativa de cada imagem compreendem: a) descrição do que aparece na imagem; b) contextualização histórico-geográfica; c) interpretação com base em símbolos, arquétipos e regimes da imagem; d) compreensão com base nos mitos cristãos e referências bíblicas; e) fundamentação teórica; e f) síntese do significado contendo o sentido desse objeto no seu tempo.

Assim, o artigo inicia abordando alguns aspectos sobre a vida de são Francisco de Assis, apresenta a imagem de três objetos de uso pessoal do santo, prossegue com a leitura das imagens fotográficas desses objetos e por fim expressa as considerações finais.

2 Sobre são Francisco de Assis

O tema aqui apresentado é parte de um estudo mais amplo e nos fez aprofundar alguns aspectos sobre o santo de Assis, utilizando imagens de seus objetos pessoais, que nos permitiram compreender o porquê de tais escolhas. A vida de Francisco esteve desde cedo permeada de uma busca incansável do fenômeno lumínico, entendendo a luz como uma metáfora da presença divina.

Giovanni di Pietro di Bernardone, filho de Pietro e de Giovanna Bernardone, ricos comerciantes de tecidos, nasceu em 1181⁴, em Assis, Itália. Sua vida de opulência oportunizou que tivesse hábitos elegantes tanto nas vestimentas como no apreço à boa música, ao canto e à dança. Capitaneava o grupo de amigos travessos, promovia reuniões, serenatas e folguedos. Era revolucionário e militante contra a ordem senhoril e feudal.

Por ser um hábil cavaleiro e devido aos embates contra Perugia, cidade rival de Assis, em 1204 foi preso. Permaneceu um ano no cárcere e lá adquiriu malária. Debilitado física e emocionalmente, ingressou numa crise existencial e espiritual. Ao retornar a Assis, mostrava fraqueza física, andava inquieto a respeito do sentido da

⁴ As datas são controversas. Sabatier (2013) comenta que o nascimento pode ter sido em 1181 ou 1182. Os biógrafos dizem que Francisco morreu em 1226, com 45 anos. As informações não são suficientemente precisas para dar como certa a data de 1181.

vida, estava enfermo de corpo e alma. “Nada do que antes costumava alegrar-lhe a vista, conseguia deleitá-lo minimamente” (CELANO, [1228], 2017, p. 11).

Andar a cavalo o animava e, numa de suas voltas, ingressou num hospital de leprosos. As mudanças no seu comportamento eram provenientes dos ensinamentos do evangelho, pois compreendia que “[...] cuidar dos necessitados era o mesmo que cuidar do Cristo solitário, moribundo e nu” (SPOTO, 2010, p. 108). Assim, através do cuidado, aprendeu a importância da caridade, sendo esta a origem de sua conversão.

Entristecido pela pobreza que via, começou a partilhar os bens familiares com os necessitados e renunciou ao patrimônio dos Bernardone. Despiu-se em praça pública, diante da família e da sociedade. Despojando-se dos bens materiais, demonstrou sua nova opção de vida.

Tinha se tornado o homem-Deus que dera ao homem o modelo da pobreza simbolizada pela nudez. De todos os movimentos que após o ano mil tentaram ressuscitar o cristianismo primitivo, a volta aos apóstolos, a inspiração sempre mais forte fora aquela que levava à reforma, à renovação em busca da volta às fontes, a “seguir nu o Cristo nu”. [...] Em todos os sentidos da palavra, Francisco de Assis se afirma pela recusa ao dinheiro. Renega seu pai comerciante, põe-se nu como Jesus, vive na pobreza, prega na pobreza (LE GOFF, 2014, p. 130-131).

Inseriu-se numa vida de extrema carência, passou a vestir-se com andrajos de mendigo. A túnica que usava estava cheia de remendos. Converteu-se às causas de Deus e iniciou um trabalho de auxílio ao próximo, às crianças e aos doentes, comovendo todas as camadas sociais, aclamando pessoas para serem seguidoras da doutrina cristã (LE GOFF, 2013).

No final de 1205, num passeio pelos arredores de Assis, ao adentrar as ruínas da Igreja de São Damião, ajoelhou-se em frente a um grande crucifixo de madeira e ouviu uma voz que disse: “Francisco, não vês que a minha casa está sendo destruída? Ide, portanto, e conserta-a para mim” (VAUCHEZ, 2010). E, assim o fez, com auxílio dos seus seguidores.

Em missão com seus companheiros foi andando a pé, sempre auxiliado pelo seu bastão, anunciando o Santo Evangelho. Criou, então, a Ordem Franciscana na qual os frades deveriam fazer três votos, simbolizados nos três nós do cingulo. Esta Ordem obtém em 1209 o reconhecimento de sua finalidade pelo papa Inocêncio III (VAUCHEZ, 2010).

Francisco redigiu as normas para a Ordem Franciscana, que serviam como o guia espiritual quotidiano para seus seguidores. A primeira versão foi chamada de *Prima Regula*⁵[1209-1210], uma intermediária denominada de *Regula non bullata* [1221] e a final nominada como *Regula bullata* [1223]. O nome *Regula bullata* é

⁵ *Prima Regula* – primeira Regra; *Regula non bullata* – Regra não aprovada; *Regula bullata*– Regra aprovada. O termo *bullata* vem de bula papal que é um documento firmado pelo sumo pontífice, apresentando impresso o selo pontifício (Tradução nossa).

originária de “regra transmitida através da bula papal” (LE GOFF, 2011, p. 86). Também escreveu normas para aqueles que viviam nos eremitérios, na *Regula di vita negli eremi*⁶ [1217-1221] (VAUCHEZ, 2010).

Francisco escreveu pouco, pois gostava de autodesignar-se como homem de poucas letras. Segundo os biógrafos Esser e Hardick (1979, p. 22-23), “[...] o santo costuma prevenir ali que não se modifique o conteúdo e exortar a fazer cópias, divulgá-las, guardá-las bem e gravá-las na memória”. Mesmo se todos seus escritos tivessem sido guardados, esses registros caberiam num pequeno volume. Le Goff comenta que a obra-prima do santo foi o *Cantico delle Creature*,⁷ escrita em 1225. A edição organizada pelos franciscanos está dividida em três partes: I) as Admoestações e as Regras; II) as cartas; e III) as orações (LE GOFF, 2011).

Estar na companhia dos irmãos era tão importante quanto estar evangelizando nos variados territórios. Passava longos períodos em meditação em locais afastados de Assis. No Eremitério de Camaldoli, uma cela era destinada para uso exclusivo, mas era em La Verna onde o *poverello*⁸ permanecia por mais tempo. O local situa-se num maciço montanhoso selvagem que chega a 1.200 metros de altitude, no meio das florestas dos Apeninos (VAUCHEZ, 2010).

Esse santuário revela-se muito importante por ter sido o espaço onde o Santo recebeu os estigmas⁹. Trata-se de feridas que, supostamente, aparecem em várias partes do corpo do devoto católico: na cabeça, devido à coroa de espinhos; nas costas, pelas chibatadas recebidas por Jesus; nas mãos e nos pés, devido aos cravos usados na crucificação; e, na parte lateral do corpo, por causa do corte da lança do soldado romano que levou Jesus a óbito. Conforme os parâmetros católicos, o primeiro estigmatizado da história foi São Francisco de Assis, no ano de 1224 (MARTINEZ, 2016).

Ele valorizava a sociedade do amor e queria que desaparecessem as disparidades. O santo enriqueceu a espiritualidade, voltou-se a uma nova sociedade cristã e despertou um olhar e um sentimento sobre a natureza, aspectos marcados tanto na religião quanto na literatura e na arte. Nesse sentido, sua ordem,

[...] o franciscanismo foi um grande movimento religioso que, mais do que as outras ordens mendicantes, agitou, marcou, impregnou o conjunto da sociedade cristã do século XIII, século em que nasceu. Utilizou métodos novos de apostolado, rompendo com o isolamento do monaquismo anterior, despachou seus membros pelas estradas, mas, sobretudo os mantinha nas cidades, então em plena aceleração de desenvolvimento, no coração da sociedade (LE GOFF, 2011, p. 124).

⁶ *Regula di vita negli eremi* – Regra para eremitérios (Tradução nossa).

⁷ *Cântico das criaturas*, também chamado de *Cântico do Irmão Sol* (*Cantico di Frate Sole*), foi escrito em dialeto úmbrio. Ele foi mencionado pela primeira vez em 1228 por Tomás de Celano na obra *Vita Prima*.

⁸ Trata-se do apelido em italiano do santo e significa “pobrezinho”.

⁹ Estigma: do grego *stigma*, significa picada dolorosa.

Vivendo em sociedade ou em vida contemplativa, por toda a vida sofreu pelos sintomas agravantes da malária, porém Francisco recusava-se a tomar remédios e analgésicos, somente poucas e pequenas doses, pois “[...] temia tratar demasiadamente de seu corpo conspurcando-o com medicamentos e considerava o recurso ao tratamento uma negação de seu desejo de jamais colocar obstáculos no caminho da vontade de Deus” (SPOTO, 2010, p. 228). As suas doenças pioraram, aumentando as dores de cabeça, quase levando-o à cegueira. Nesta condição, passou dois meses junto de santa Clara na Igreja de São Damião. “Os médicos do papa cuidam dele sem sucesso em Rieti. Transportado para Sena, redige seu Testamento (no fim de 1225 ou começo de 1226)” (LE GOFF, 2011, p. 18). Nele Francisco mostra singularidades de sua vida, evidenciando seu amor ao Senhor e apregoando aos irmãos as normas já conhecidas.

Francisco morreu na Porciúncula, aos 45 anos de idade, e foi enterrado cercado de muitos amigos e seguidores.

No ano de 1226, da Encarnação do Senhor, a 4 de outubro, dia de domingo, em Assis, sua cidade natal, junto a Santa Maria da Porciúncula, onde havia fundado a Ordem dos Irmãos Menores, liberta-se o nosso bem-aventurado pai S. Francisco da prisão da carne e parte feliz para a morada dos eleitos, coroando assim vinte anos de perfeita união com Cristo e de imitação dos Santos Apóstolos. Entre hinos e hosanas foi o seu sagrado corpo tumultado e reverentemente guardado na dita cidade (CELANO, [1228], 2017, p. 78).

Seus milagres foram sendo cada vez mais conhecidos, dando-lhe fama e santidade. Assim, cumprindo todos os requisitos canônicos prévios, o papa Gregório IX decretou a sua canonização. Logo após a canonização, foi iniciada a construção de uma igreja para servir de sepultura para os restos mortais do santo e espaço de contemplação.

Na atualidade, a imagem de Francisco, sempre acompanhada de animais, alude a um defensor dos pobres, o promotor da paz entre as pessoas e as religiões, o homem amante da natureza, reconhecido pela Organização das Nações Unidas como o protetor e patrono da ecologia, ou mesmo o santo ecumênico, em quem protestantes, ortodoxos e até mesmo não cristãos podem se reconhecer (VAUCHEZ, 2010). Tal admiração a São Francisco tornou Assis uma das cidades mais visitadas da Itália por turistas, religiosos e peregrinos.

Passados os séculos, a figura do santo com seus objetos pessoais que refletem a relação com seu *modus vivendum* é lembrada no mundo como um “fermento da liberdade” pela maneira como sempre defendeu os oprimidos e promoveu a condição humana, sendo fonte de renovação e amor até nossos dias, influenciando alguns setores menos ortodoxos da Igreja Católica Apostólica Romana.

3 Objetos pessoais de são Francisco de Assis

A interpretação se refere ao ato de compreender, neste caso, uma linguagem contida em um texto visual, que nos leva ao encontro de um significado, advindo pela forma de contemplarmos determinada informação. Na sequência apresentamos nossa interpretação das imagens da túnica, do cingulo e do bastão de são Francisco de Assis. Entendemos que a interpretação não é unívoca, mas permite inúmeras variáveis, sempre carregada de subjetividade. Estes objetos pertencentes ao santo têm algo em comum: a humildade, a devoção, a vontade de unir-se amorosamente a outrem e, sobretudo, a espiritualidade.

3.1 A túnica com forma de T

No século XIII a tecelagem era muito desenvolvida em Assis. Os teares produziam especialmente fios à base de lã. Mas, tão logo o assisano aderiu à extrema pobreza, passou a usar somente um tipo de vestimenta: uma túnica longa de pano com capuz, feita de tecido grosseiro, pois, de acordo com os costumes do período, os frades fabricavam os tecidos com fibras irregulares ou com retalhos de panos ásperos e eles próprios costuravam suas túnicas. Para mostrar a singularidade franciscana a túnica não podia ser mudada; somente quando estivesse muito esfarrapada é que eram autorizados a aplicar alguns retalhos, forma de se igualar ao uso do vestir das pessoas mais necessitadas (CASSIO, 2015).

No item 2 da *Regula non bullata*, intitulado *Da recepção e das vestes dos irmãos*, Francisco normatiza como deve ser a apresentação visual daqueles que optam por participar da ordem, sendo que o candidato deve usar após o consentimento do ministro,

[...] pelo prazo de um ano, as vestes de provação, a saber: duas túnicas sem capuz e o cingulo e as calças e um caparão¹⁰ que vá até o cingulo. Findo o ano e termo de provação poderá ser admitido à obediência. [...] Os demais irmãos que já prometeram obediência usem uma só túnica com capuz e, sempre que necessário, outra sem capuz, o cingulo e as calças. Todos os irmãos usem roupa comum e, com a benção de Deus, podem remendá-la com panos rudes e outros retalhos de fazenda (SÃO FRANCISCO, [1221], 1979, p. 69).

Esta vestimenta não devia ser muito longa, apenas cobrindo as pernas até o calcanhar e dos braços até o pulso para não restringir os movimentos (CASSIO, 2015). Salientamos a presença do capuz em ponta na túnica. Uma das ordens dos padres franciscanos é denominada de capuchinhos e “[...] o nome popular de frade capuchinho deriva do nome do capuz usado por eles (capucize)” (FEDERIZZI, 2015, p. 31).

A ordem de Francisco buscou este modo de vestir e adaptou a roupa por apresentar o formato da cruz. Muitas ordens religiosas, especialmente masculinas, adotaram o mesmo sistema de

¹⁰ O caparão é a parte da vestimenta que cobre o tórax.

indumentária, prevalecendo até hoje. A roupa apresentada a seguir deve existir há aproximadamente 800 anos, pois Francisco a utilizou quando recebeu os estigmas em 1224 (CETOLONI, 2003). Ela encontra-se na Capela das Relíquias, uma ala construída na Igreja de Santa Maria Degli Angeli, no Santuário Franciscano de La Verna. A roupa está em mau estado de conservação, muito avariada. Esta vestimenta é considerada uma relíquia e é constantemente alvo de visitação por muitos devotos.

Figura 1 – Túnica



Fonte: Acervo de Federizzi (2015)

A respeito do hábito encontramos os seguintes dizeres no livro de Mateus (10, 10): “Não leveis nem mochila para a viagem, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão” (BÍBLIA SAGRADA, 2013, p. 1295). E no livro de Lucas (9, 3): “Não leveis coisa alguma para o caminho, nem bordão, nem mochila, nem pão, nem dinheiro, nem tendais duas túnicas” (ibidem, p. 1359). Esta foi a forma de vida adotada por Francisco após a conversão na Igreja de São Damião e um modus operandi dos frades menores. O estilo na vestimenta foi uma das marcas visíveis das mudanças vivenciadas por ele, uma forma de seguir a Jesus Cristo na humildade e no desapego. Os franciscanos apresentavam-se de maneira mais pobre que qualquer outra ordem religiosa. A roupa usada por Francisco é similar àquelas dos eremitas com cinto de couro, sandálias nos pés e um bastão na mão. Mas, Francisco não utilizava as sandálias e teria confeccionado uma veste à imagem da cruz, substituindo o cinto por uma corda (MERLO, 2012).

Costurados os tecidos da túnica, ela apresenta o formato da cruz de tau. O próprio desenho da vestimenta fazia referência a Cristo a quem Francisco tinha devoção e quando estava vestido sentia estar abraçado à cruz; participava dos mistérios da Santa Cruz, também permanecendo afastado das seduções. “Túnica tão áspera que aí

crucificará sua carne e com seus vícios e seus pecados, tão pobre e tão feia que ninguém no mundo a invejará” (LE GOFF, 2011, p. 69).

O pano da túnica não era tingido, apresentava os tons da lã natural. Por ser uma região de montanha, fria, era comum que os camponeses e pastores dos Apeninos usassem tecidos feitos à base de lã, apresentando inúmeros nuances de tons terra. Grande parte da iconografia mostra Francisco portando vestimenta em tons terrosos, até mesmo esta da fotografia aqui estudada. Os tons terra aparentam uma solidez corporal. A escolha dessa cor para o hábito significa o abandono dos bens materiais e a regeneração espiritual. A cor foi adotada por várias ordens religiosas, uma vez que simboliza a renúncia ao mundo e também as ações que devem combater contra o inferno (PORTAL, 2000). Podemos atribuir, ainda, a eleição dos tons terrosos à identificação com a natureza em sua total plenitude. E Bachelard (2001, p. 55) corrobora quando diz que “os objetos da terra nos devolvem o eco de nossa promessa de energia”.

O fio, originado de fibras vegetais ou animais ao ser tramado resulta num tecido. Mesmo sem ter fios e saber a arte de fiar, Adão fez a tentativa de cobrir-se com uma vestimenta e é considerado o patrono dos costureiros. “Não há dúvida de que, ao preparar a primeira veste com folhas de palmeiras trançadas, Adão foi o primeiro costureiro, e Noé, com as aprazíveis folhas de parreira, seu herdeiro” (DURAND, 1995, p.15), assim o mito de Adão no Paraíso associa-se a Francisco, pois ambos, por se apresentarem desnudos, precisaram de algo que viesse a cobrir seus corpos.

Os processos cíclicos do regime crepuscular, pois sua ciclicidade noturna ou diurna está associada ao sentido de progressão, ao fator tempo (STRÔNGOLI, 1998), são personificados pelo grande arquétipo da roda, especialmente a roda de fiar, a roca. A inserção de nacos de lã, algodão, outros materiais resultam na construção de um fio que toma corpo pela associação da matéria-prima bruta e o rodar da roca, sendo que a cada volta dada sequencialmente surge algo novo, mais denso e completo. O movimento cíclico da tessitura do fio transformado em tecido revela-se como um símbolo de ligação e de continuidade.

Pode-se encarar uma revalorização completa do ligador o que junta duas partes separadas, o que repara um hiato. [...] O tecido, tal como o *tissulaire*, é a imagem de uma continuidade onde toda a interrupção é arbitrária, onde o produto procede de uma atividade sempre aberta sobre a continuação (DURAND, 2002, p. 322).

A vestimenta da Idade Média (IM) exprimia força e aparência, especialmente a quem portavam trajes militares e de cavaleiro. Também grande parte do clero mostrava a sua situação de soberania pelos paramentos. Os trajes eram adequados de acordo com o sexo e o status social, pois, na sociedade medieval, as roupas eram o sinal exterior do pertencimento a uma categoria e condição social, bem como de certa conduta moral (FRANÇA, 2017). Desde o tecido usado para tecer até a escolha das cores, vários eram os critérios de diferenciação. A maioria da população vestia-se com roupas de linho

e lã, tecidos nos teares locais. Os mais humildes usavam roupas feitas de peles. A túnica era a indumentária utilizada pelos moradores das zonas rurais.

Porém, na sociedade cristianizada, havia aqueles que não usavam tecidos; por andarem nus mostravam o seu rompimento com a ordem social, também por representarem a privação dos benefícios da vida coletiva. Francisco, ao ficar nu em praça pública, simbolizou com este gesto o despir-se da matéria e ir ao encontro da liberdade de escolha. “Dando de mão a tudo o que é mundano, só a justiça divina o preocupa. Assim se adestra no desprezo da vida, assim abandona os vãos cuidados de si próprio, para que, em tão infestado e perigoso caminho, seja a paz a companheira da sua pobreza e só o véu da carne o separe entretanto da visão de Deus” (CELANO, [1228], 2017, p. 21).

Apresentar-se desnudo não era prática vergonhosa na época do santo. “A piedade medieval conferia valioso simbolismo à nudez; frequentemente os monges repetiam a prescrição de são Jerônimo de que o seguidor de Jesus, “[...] estando desnudo [isto é, independente de posses], segue o Cristo nu, isto é, a cruz nua” (SPOTO, 2010, p. 102). Não foi a nudez de Francisco que chocou a população, e sim o rompimento com a sua família e a negação dessa estrutura material. A partir deste fato, passou a usar a túnica, pois, de todas as vestimentas, esta é a que mais se aproxima da alma no seu simbolismo; revela uma relação com o espírito, até mesmo pelo formato de cruz, aparentando semelhança com os acontecimentos da Paixão (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002).

O próprio Francisco fiava o tecido para sua túnica, utilizando cerdas naturais, marca do seu apreço ao contato com a natureza. O fiar e o tecer tornou-se um símbolo. Francisco tecia a teia do seu destino e de muitos de seus irmãos, por vezes era necessário elaborar a tessitura, outras, o corte dos fios ou inserir enxertos e em outros momentos fazer a “poda”. Essa grande tecelagem era a criadora da nova ordem, o franciscanismo.

Tecelão da realidade, recorta, mistura, combina não só fios e tecidos, mas as experiências de vida. Os processos individuais se ampliam e resultam em urdiduras grupais e coletivas, grande parte delas expondo a sua função de regeneração espiritual, pois, passados os séculos, a roda do tempo mostra que a indumentária franciscana continua a mesma, usada por seguidores de todo o mundo, uma continuidade dos ideais de Francisco. Sobre esta vestimenta, seus usuários amarravam na cintura a corda com seus característicos nós, objeto que complementa a simplicidade do seu vestir.

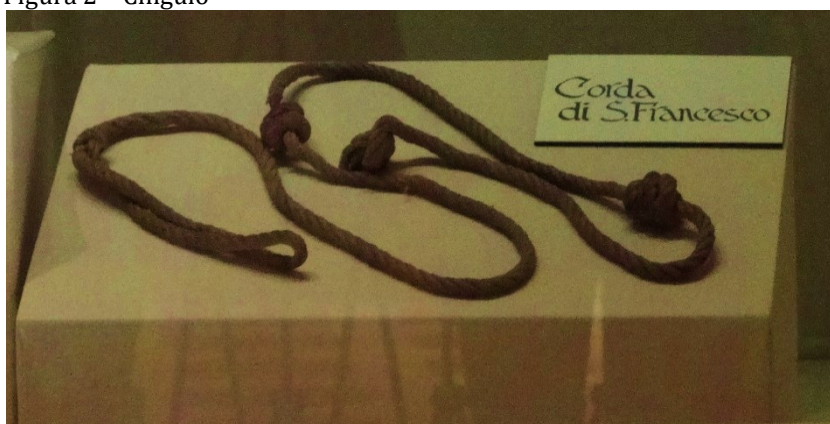
3.2 O cingulo dominando o fogo das paixões

O cingulo amarrado na cintura foi confeccionado com finas tiras de couro num trançado simples. Sabemos que o couro natural apresenta a coloração proveniente do animal, mas a cor do couro

pode ser alterada pelo manuseio e o passar do tempo. De espessura média, medindo aproximadamente três centímetros, o cordão apresenta três nós e não parece ser muito comprido, o suficiente para amarrar no cós. Numa de suas extremidades, encontra-se uma forma de anel que aparenta servir para o encaixe da outra ponta do cordão, cingindo a cintura.

Fazendo o papel de cinto, o cingulo é uma marca franciscana. Utilizada sobre a túnica, é um distintivo religioso que o diferencia de outras ordens. Na IM a corda era feita com finos recortes de couro natural. Na atualidade ela continua a fazer parte da indumentária franciscana, porém é trançada com fios de algodão brancos ou da cor do paramento. O cingulo simboliza a castidade, pois ele “alude à aspiração de refrear a sexualidade” (BIEDERMAN, 1993, p. 95). A corda apresentada a seguir encontra-se no setor de relíquias do Santuário de Santa Clara em Assis.

Figura 2 – Cingulo



Fonte: Acervo de Federizzi (2018)

O cinto era uma peça essencial no vestuário do período medieval, pois apresentava fivelas e bolsos para guardar dinheiro, necessários pelo trânsito de mercadorias e o crescente desenvolvimento econômico (LE GOFF, 2011). A mudança de cinto para cingulo é significativa, pois Francisco também transitava por diversas rotas, porém não apresentava necessidade de portar dinheiro e se portasse seriam mínimas moedas. O cordão franciscano surgiu enquanto Francisco trilhava outro caminho, buscando outra forma de vida, uma vez que, assim como ele, “Francisco exigia que seus seguidores fizessem três votos: de obediência, pobreza e castidade, os quais até hoje são representados pelos três nós que os franciscanos atam na corda e que usam como cinto” (FRANCKE, 2008, p. 116).

Noutro sentido, o três significa os níveis da vida humana: material, racional, espiritual ou divina. A complexidade de todo ser da natureza, que se resume nas três fases da existência: nascimento, crescimento e morte. Também, a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, e as três virtudes teológicas: fé, esperança e amor, aquelas relacionadas ao cumprimento do mandato de Cristo. O

número indica ainda, passado, presente e futuro ou o início, o meio e o fim. Para Chevalier e Gheerbrant, o número três “[...] exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem [...] a união do céu e da terra” (2002, p. 899).

Muitos dos apóstolos referenciaram o cordão em algumas passagens da Bíblia. Escolhemos Eclesiastes (4, 12) por também mostrar o número três: “Se é possível dominar o homem que está sozinho, dois podem resistir ao agressor. Uma corda tripla não se rompe facilmente” (BÍBLIA SAGRADA, 2013, p. 819). A resistência do cingulo é mostrada pela força de mais um componente, comprovando que a amarração, contando com três sujeitos, será sempre mais forte do que aquela com dois, indicando o poder das ações realizadas em grupo, ainda mais forte se estiver alicerçado na palavra do Senhor. “O amarrar parece ser um prestígio mágico-religioso igualmente incorporado por todas as formas religiosas” (ELIADE, 1991, p. 108), pois a corda em nós simboliza união, ligação, vínculo. A corda estendida mostra o desejo de subir, no simbolismo ascensional, ela serve para escalar, chegar ao céu.

O arquétipo da atadura é expresso pelo nó. Laços, cordas e nós caracterizam-se como as divindades da morte, aquelas que apertam, enforcam, sufocam. Mas também servem como forças mágicas na defesa contra os demônios, na função da cura, representados por nós e amuletos, pois “[...] todos os tipos de amarras mágicas são um prestígio divino (e demoníaco) quase universal” (ELIADE, 1991, p. 106).

Arquetipicamente o nó expressa o enlace e no plano religioso os nós simbolizam os mais variados vínculos, especialmente relacionados aos dogmas cristãos. Os três nós do cordão franciscano representam ser uma atadura em cadeia, que “prendem” todos os seguidores; é o “[...] símbolo de uma solidariedade humana; melhor ainda, de uma reconciliação universal” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 286). Lembremos que a corda é constituída pela junção de fios, considerando a ligação entre todos os estados da existência e da união entre os seres. Em Mateus (16, 19), observamos uma passagem bíblica que refere à ligação: “[...] tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” (BÍBLIA SAGRADA, 2013, p. 1304).

Estar ligado é estar unido, junto, em combinação. Os seguidores de Francisco selaram uma união, um vínculo, uma espécie de casamento ou de relação simbiótica com a doutrina franciscana, uma *religio*. “O fio é o primeiro elemento de ligação natural” (DURAND, 2002, p. 107). Nesse sentido, podemos citar o cordão umbilical, que como o cordão franciscano, lembra um fio condutor da nova vida escolhida pelo dirigente da ordem e estendida aos seus seguidores.

A corda também simboliza a conexão da palavra de Cristo com os discípulos, e o vínculo de Francisco e seus companheiros através da palavra do Evangelho, como um fio que direciona a inúmeros caminhos (ELIADE, 1991). Caminho que Francisco precisou escolher,

desatando-se da sua forma de vida mundana, libertando-se do fogo dos desejos e entregando-se a um novo modo de viver.

Todo o apelo ao soberano celeste faz-se contra o que prende, todo o batismo ou iluminação consiste para o homem em “desligar” o que prende e rasgar os véus de irrealdade. [...] O complexo do prender não passa, assim, de uma espécie de “arquétipo da própria situação do homem no mundo”. Podemos, portanto, afirmar que nessa perspectiva o regime diurno, dualista e polêmico, a soberania assume os atributos do desprender [...] (DURAND, 2002, p. 168).

Na condição do desprender, lembramos o mito de Nossa Senhora Desatadora dos Nós, por volta de 1700, que apareceu pela primeira vez em uma pintura numa igreja da Alemanha. A imagem foi inspirada na frase de santo Irineu: “Eva atou o nó da desgraça para o gênero humano; Maria por sua obediência o desatou”. Estima-se que Nossa Senhora tenha recebido mais de dois mil títulos, a maior parte deles originados por aparições ou por intervenção de acontecimentos milagrosos (MATTOS, 2016). Esta Nossa Senhora vestida com um manto azul apresenta em suas mãos uma corda com vários nós; ela é lembrada em momentos de dificuldade.

Em certas situações os nós aludem à ideia de embaraço, necessitando desembaraçar, soltar-se das amarras, desprender-se de algo. “Desfazer o nó corresponde quer à crise ou à morte, quer à solução ou à liberdade. O que faz aparecer logo a ambivalência do símbolo, porque o nó é constrangimento, complicação, enroscamento; mas os nós são, pela corda, ligados ao seu princípio” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 637). E Nossa Senhora Desatadora dos Nós auxilia a desatar as aflições, os problemas, as angústias, porém conserva atados os seus fiéis seguidores.

Francisco como herói é um atador, pois atar e desatar se subordinam à atividade dominante de um soberano. Ele, condutor da ordem, ao usar o cingulo com três nós, também sela um pacto de vida idêntico aos companheiros promovendo a união e a permanência. O cingir refere-se à ideia de envolvimento e tanto Francisco como Nossa Senhora Desatadora dos Nós se comportam igualmente por estarem atados aos seus fiéis seguidores.

O ascetismo esteve presente na vida espiritual medieval. Para os religiosos católicos era necessário abster o corpo de grande parte dos prazeres e confortos. O uso da corda representa rins cingidos, a castidade, uma forma de selar um pacto ou fechar um acordo. Para a correção dos pecados da carne, muitos se valiam da penitência, uma delas estava na privação da prática sexual. A igreja dominadora não admitia o ato sexual fora do casamento e na época medieval a lepra era considerada uma doença culpabilizante que provinha muitas vezes desta prática. A repressão sexual atingiu também a consagrada união matrimonial e a homossexualidade. Esta ética sexual monástica, do desprezo e da humilhação da carne, influenciou, e ainda influencia, costumes e mentalidades, tanto religiosas como

laicas, especialmente no Ocidente por ser o espaço territorial onde concentra o maior número de católicos (LE GOFF, 1994).

Múltiplas são as variantes relacionadas à simbologia do amarrar e do desatar nós, grande parte resultado da história religiosa da humanidade. O cordão franciscano é um símbolo da pobreza, representando o desapego (o desatar nós) da matéria mundana, porém representa, também, o apegar-se (atar-se) aos dogmas cristãos. As experiências religiosas provam que a vida religiosa busca alimentar-se nos próprios laços de um Deus aparentemente terrível e amarrador (ELIADE, 1991). Mesmo percebendo que não se trata de uma corda estendida, ela alude a um elemento através do qual se pode subir, ascender, direcionar-se para outros lugares e direções, pois o ser humano deseja libertar-se daquilo que o impede de avançar.

Lembramos que toda a pessoa está amarrada às suas próprias escolhas. Francisco como o chefe, o condutor da corda, ao guiar (amarrar) seus discípulos dentro dos preceitos católicos, conduziu-os à soltura, para viver um nível mais elevado, noutra dimensão, aquele que leva à salvação. Entre tantos caminhos para anunciar a palavra, estava a *Via Francigena*, muitas vezes trilhada na companhia do bastão-guia, por vezes como uma bengala, servindo como um apoiador; outras como um cajado, mostrando ser o condutor de seus discípulos.

3.3 O bastão do mestre-peregrino

O bastão de São Francisco apresenta tamanho médio, medindo aproximadamente sessenta centímetros. Foi confeccionado com dois pedaços de madeira cilíndrica, encaixados na parte superior. Na ponta inferior o pedaço mostra uma forma levemente pontiaguda, encimado por uma pequena travessa de forma abaulada para a função de ajuste à mão, aparentando medir dez centímetros. A parte maior é aquela que dá sustentação ao peso do apoiador. O entalhe da madeira foi executado em linhas retas simples, sem asperezas e pode ter sido lixado. A simplicidade das partes apresenta certa rusticidade em forma de T, como a túnica. Não há marcas, gravações ou desenhos. Não se pode precisar o tipo de madeira utilizada.

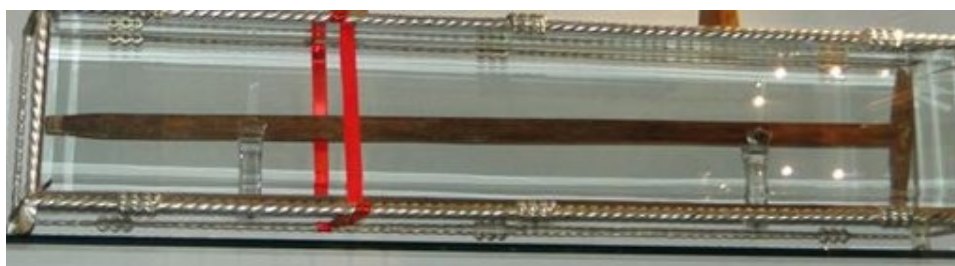
Desde que Francisco optou pela vida simples, mudando sua vestimenta, passou a andar descalço. Nas suas peregrinações e caminhadas, o bastão o acompanhava, como tau, pois o santo e seus discípulos “[...] levavam o T em amuletos, em seus cajados e nos hábitos, como uma espécie de oração simbólica para obter proteção divina contra epidemias” (SPOTO, 2010, p. 114). O bastão foi usado por Francisco especialmente quando da convalescença em virtude dos estigmas, servindo como um apoiador.

Nas referências utilizadas para esta pesquisa, encontramos termos semelhantes, como: bastão, bengala e cajado. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002), o bastão pode ser arma para defesa, guia, apoio da caminhada do pastor e do peregrino, simboliza o tutor,

o mestre indispensável na iniciação; a bengala, apoia o andar, espécie de muleta; o cajado é símbolo do pastor, porque apresenta um gancho na extremidade que permite puxar a ovelha desgarrada. Também, podemos levar em conta o significado de cetro, símbolo de soberania, de poder, de comando e autoridade. Consideramos o bastão o termo que mais se adequa a realidade de Francisco, embora em algumas passagens de sua vida poderia ser utilizada outra terminologia.

No Santuário Franciscano de La Verna, desde 1635, foi criada a Capela das Relíquias para guardar as recordações do santo (CETOLONI, 2003). Uma redoma de vidro protege o bastão, acondicionado no seu interior e que está em posição horizontal, juntamente com outras relíquias.

Figura 3 – Bastão



Fonte: Acervo de Federizzi (2015).

O santo dividia seu tempo entre as peregrinações, a pregação nas cidades e o isolamento nos eremitérios, localizados no topo das montanhas, sendo que o bastão, servindo como uma bengala, era apoio, facilitando as extensas caminhadas. O instrumento era de muita valia especialmente por ser a Úmbria uma região de íngremes montanhas.

A bengala é lembrada como um objeto para uso de pessoas portadoras de deficiência física, fatigadas pela idade, revelando doença ou fraqueza, servindo como muleta; ela pode ser vista num sentido diferenciado, como “[...] aquilo que nos ajuda a avançar, símbolo da vontade que se proíbe aceitar determinada situação sem procurar modificá-la, símbolo também, da fé, em suma, da luz espiritual que guia os passos vacilantes ou compensa uma deficiência física” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 624).

Francisco, ao utilizar a bengala para amparar sua mão na caminhada nos faz perceber como este objeto foi o suporte do corpo maltratado e o condutor que o direcionou em muitas de suas atitudes intelectuais e espirituais. Lembramos que um bastão, como uma vara, pode servir como um instrumento de correção, como uma arma para punir até mesmo ameaçar, maltratar e ferir; porém sujeitos podem utilizar um bastão como uma arma heroica para prestar uma ajuda, para afugentar um predador, para apanhar um cordeiro teimoso e fujão, oferecendo-lhe proteção e segurança.

A arma de que o herói se encontra munido é, assim, ao mesmo tempo símbolo de potência e de pureza. O combate se cerca mitologicamente

de um caráter espiritual, ou mesmo intelectual, porque as armas simbolizam a força de espiritualização e de sublimação (DURAND, 2002, p. 161).

Na IM, devido às caminhadas, às peregrinações, ao pastoreio, entre outras atividades, era frequente a utilização de um adjutório. Os monges deste período usavam também a pírtega¹¹, a mesma que pertencia aos hábitos dos bispos católicos durante a Inquisição. O papa ao tomar posse recebia a férula papal, sendo um bastão pontifical com a insígnia papal apresentando uma cruz na parte de cima, transportada na mão esquerda. O bastão também pode representar o poder que pune, a penitência, a autoridade e a doutrina; ele continua a ser utilizado nos ofícios religiosos. O costume surgido na época significava a posse e o poder espiritual e temporal. A utilização se originou “[...] do emprego pelos pastores em seu ofício de cuidar do rebanho, e passou a ser o símbolo do ministério pastoral mais significativo” (PEDRO, 1993, p. 29).

O pastoreio era prática costumeira na época de Francisco, o uso do cajado era essencial à condução do rebanho. Francisco foi aquele que conduzia seus discípulos e o fato de comandar mostra o uso do bastão como um cajado, o utensílio do pastor. Durand traz um comentário de Böhme sobre o pastor:

[...] “acompanhar os rebanhos – isto é, a alma animal -, havendo no homem muitas centenas de animais”. De onde a retomada da meditação de Böhme sobre as funções, e em especial esta função do homem cristão – ser pastor. “Desde o imperador até o mendigo, e ao mais humilde de todos, não sois mais do que pastores. Cada um de vós é um pastor de rebanhos, e deve apenas pastorear, nada mais. Deus resumiu todas as funções nas do pastor”, isto é, na função de guardar animais (DURAND, 1995, p. 201).

Com as funções de um bom “pastor”, aquele que arrebanha suas “ovelhas”, Francisco deslocava-se mostrando autoridade, dignidade e decisão. O santo, desde a reconstrução da Igreja de São Damião, agrupava seus discípulos e estes, como “ovelhas” se deixavam conduzir pelos ensinamentos de seu mestre e junto dele saíam a “pastorear” em distintos territórios. Andou por grande parte da Itália e como missionário levou os ideais cristãos também para o Egito e a Terra Santa (SPOTO, 2010).

O cajado de Francisco servia para comandar o rebanho, era usado com a finalidade de proteção, uma referência à arma heroica do chefe, do pai, que pelo poder paterno cuida de cada ovelha. Neste sentido, trazemos o mito de Reprobis, que era um homem muito forte e que passou a morar à margem de um rio de águas turbulentas para auxiliar na travessia de pessoas. Ele as levava nos ombros e apoiava-se num cajado. Num dia conduziu um menino que a cada passo ficava mais pesado: o garoto carregava um pequeno globo nas mãos. Ao final da travessia, a criança revelou ser o próprio Jesus e, pela missão humilde e corajosa, lhe deu o nome de Cristóvão, que em

¹¹ Espécie de cajado com a extremidade superior arqueada.

grego significa “aquele que carrega Cristo”. A partir deste fato, Cristóvão passou a converter ao catolicismo os moradores da região, ato que resultou na sua prisão e por não renegar sua fé, foi martirizado. Pelo seu exemplo como condutor e carregador, passou a ser chamado de padroeiro dos viajantes e dos motoristas (ROHRBACHER, 2017).

São Cristóvão representa o mito do herói, pela forma protetora como conduzia as pessoas à passagem, aqui especialmente de uma crença para outra. A iconografia mostra o mito portando uma enorme vara de madeira, lembrando a pírtega, sendo um signo de comando. Assim Cristóvão, como Francisco utilizavam o bastão com a mesma finalidade: conduzir seu “rebanho”. É o espírito do heroísmo guerreiro que caracteriza a religiosidade da IM (LE GOFF, 2011).

Importante lembrar que o santo e seus discípulos viveram num período de forte influência religiosa, sendo condicionados pelo medo da morte e do pecado. Mas, não deve ter sido muito difícil encontrar as “ovelhas” e apascentá-las, pois para a ordem franciscana todos eram aceitos, bem-vindos e acolhidos em fraternidade. Francisco esperava criar uma sociedade que fosse um modelo original, completamente diferente do que existia.

Acolher, amparar e orientar seu rebanho são atitudes de um bom pastor, pois sua figura é vista como aquele que ensina os seus súditos, iniciando por suas palavras e seu exemplo. Vemos em Atos (20, 28): “Cuidai, pois de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele adquiriu com seu próprio sangue” (BÍBLIA SAGRADA, 2013, p. 1439). Metaforicamente, o pastor precisa exercer o papel de guia de suas ovelhas, sendo essencial “alimentá-las” com a palavra de Deus.

A figura do pastor se faz notar desde o nascimento de Jesus, sendo que pequenos pastores, conduzidos pela estrela de Belém, se aproximaram do menino e puderam anunciar a novidade. Ainda hoje, anunciando as mais diversas religiões, estão os pregadores, denominados de pastores, aqueles que vão à frente, conduzindo seus fiéis.

O pastor com seu cajado é o ícone daquele que direciona seu rebanho, mantém-se vigilante e não perde nenhuma ovelha e, como o papa, o apresenta como um símbolo de direção, comando e de poder. Francisco, nos variados caminhos trilhados, estando com boa ou debilitada saúde, nos sacrifícios de peregrino, utilizando seu bastão, por vezes como bengala, outras como cajado, como amparo ou sinalizador, sempre esteve à frente dos seus discípulos e do povo e, através de suas pregações, propagava a palavra de Cristo e promovia a ascensão do cristianismo.

4 Considerações finais

Francisco viveu entre os séculos XII e XIII, na Itália Central, período do apogeu do poder da Igreja Católica em que surgiram ordens religiosas, foram criadas escolas monásticas e universidades,

o saber foi difundido pelo aprimoramento das bibliotecas, vários concílios organizados, onde a figura papal foi decisória para ações importantes. Nesse espaço histórico, Inocêncio III foi o “comandante”, efetivando canonizações e glorificando as Cruzadas em nome da Igreja militante. Os cavaleiros cristãos recebiam graças pelos seus feitos, as indulgências plenárias e os dízimos eram cobrados, o pavor do encontro com o Diabo e do fogo do inferno rodeava o imaginário dos sujeitos desta época, dominada pelo medo.

As cidades muradas concentravam um bom número de habitantes, grande parte da burguesia, representada especialmente pelos comerciantes e artífices. Fora das muralhas os camponeses, com seu trabalho braçal, viviam da agricultura e do pastoreio. É o período do surgimento das corporações e o feudalismo é instaurado, diferenciando ainda mais as classes sociais. Mas, Francisco mostrou que era possível imitar o modelo de Jesus, sendo humilde, comunitário, servindo os irmãos e, através destes princípios, tratar a todos por igual e salvar-se a si próprio.

Passados os séculos, a devoção ao santo originou caminhos, organizados sobre aqueles trilhados por Francisco. O número de devotos e peregrinos aumentou, bem como o trânsito nestes espaços, num movimento contemplativo e de interiorização. Um deles é o Caminho de Assis, que corta o centro da Itália, partindo de Dovadola e terminando em Assis.

Nesse caminho foram coletadas as três imagens de objetos pessoais do santo que comprovassem sua presença. Através da pesquisa qualitativa, embasada na hermenêutica simbólica, sustentada pela teoria durandiana, compreendemos alguns hábitos e costumes do santo no seu espaço-tempo, e também o conteúdo mítico-simbólico dos objetos elencados.

A forma de vestir-se revelava a condição social do medievo. Então, Francisco, após ruptura com o luxo herdado da família, passou a utilizar vestimentas muito simples, espelhando-se nos hábitos dos camponeses, pastores e monges. Túnica, cingulo e bastão faziam parte da indumentária franciscana. Tecendo os fios, os pertencentes da ordem costuravam a sua própria roupa em formato de tau, sentindo-se protegidos por Cristo, e atados Nele com o cordão. Francisco, com o bastão em forma de tau, guiava seu próprio rebanho, seguindo as normas da *Regula Bullata*, fazendo com que os ensinamentos de Jesus Cristo fossem efetivamente praticados.

As basílicas e catedrais eram construídas como igreja-mausoléu-relicário, reunindo no seu interior os principais atributos dos santos, conduzindo à visitação e à contemplação os seguidores. A cripta da *Basilica Inferiore*, em Assis, guarda os restos mortais de Francisco, também abriga os despojos de seus pais e de outros nomes importantes do franciscanismo. Esta prática era costumeira na IM, período em que os mais poderosos e influentes eram sepultados no interior dos santuários. Na visita a Assis, observamos a contradição existente entre o pomposo santuário construído na colina para proteger as relíquias do santo e abrigar sua tumba, e os preceitos de

humildade pregados por Francisco, pois ele desejava estar nu e assim lançado na terra. Sabia ele da sacralidade da terra-mãe, da regeneração da vida e do isomorfismo do retorno à morada. Não desejamos fazer julgamentos, mas tampouco podemos furtar-nos de mencionar esta constatação.

Francisco é considerado um mito heroico a exemplo de outros santos, como santa Clara e santo Antônio, que foram seus contemporâneos. Ao renunciar ao seu mundo originário, perseverante no domínio do eu, livre do ódio e do egoísmo, habitando lugares solitários, engajado na meditação, liberto das relações da paixão, banido do orgulho e do desejo, do sentimento de posse, de coração tranquilo e livre do ego, Francisco somou aos atributos do herói o que comprova sua santidade. Lembremos que a última parte da biografia do herói é a morte, a sua partida, resumo de todo o sentido da vida, ato heroico do congraçamento com o túmulo e indo além dos limites do mundo visível: o herói vai para dentro, para nascer de novo.

Estudar são Francisco de Assis e o período em que ele viveu nos fez compreender a importância do santo e a forma como considerava os dogmas cristãos, realçando que a paz é encontrada dentro do próprio coração. Destacamos, ainda, a forma como o povo italiano, especialmente o umbro, enaltece o patrono da Itália e se orgulha por ele ter vivido na região. Francisco transformou-se em um mito. A oração que lhe é consagrada e que inicia com a frase: “Senhor fazei-me instrumento de vossa paz” não vibra somente nos corações de mulheres e homens católicos, mas é utilizada, desde o século passado, em reuniões ecumênicas no mundo inteiro.

Pela teoria durandiana Francisco é nominado como um mito heroico. “É essa narrativa, obcecada pelos estilos da história e pelas estruturas dramáticas que chamamos de “mito” (DURAND, 2002, p. 355). Mito que surge da imaginação, dos sonhos, dos primitivos contadores de histórias, que perpassa o tempo e a história.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. Monges Beneditinos de Maredsous. 199. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- BIEDERMAN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos**. Trad. Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.
- CASSIO, Giuseppe. Il saio di Francesco. In: TARTUFERI, Angelo; D’ARELLI, Francesco. **L’arte di Francesco**: Capolavori d’arte italiana e terre d’Asia dal XIII al XV Secolo. Milano: Giunti Editore, 2015.
- CELANO, Tomás de. **Biografias II**. [1228]. Trad. Frei José David Antunes. Disponível em: <[http://editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf)>. Acesso em: 19 abr. 2017.

- CETOLONI, Rodolfo. **Santuario della Verna**. Villa Verucchio: Pazzini Stampatore Editore, 2003.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro**. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- _____. Método arquetipológico: da mitocrítica à mitanálise. In: _____. **Campos do imaginário**. Textos reunidos por Danièle Chauvin. Trad. Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Trad. Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad. Sonia Cristina Tamerj. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ESSER, Kajetan; HARDICK, Lothar. **Os escritos de São Francisco de Assis**. Trad. Edmundo Binder. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FEDERIZZI, Roberta Bassani. **Frei Exupério de La Compôte**: a batuta da fé e da alegria. Porto Alegre: EST, 2015.
- FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Os trajes e o reconhecimento de si e do outro pelos viajantes medievais. In: **Revista História**. Edad Media, 14 (2013), p. 261-276. Disponível em: <<http://Dialnet> OsTrajesEOReconhecimentoDeSiEDoOutroPelosViajantes-423907.pdf.>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- FRANCKE, Linda Bird. **Na estrada com São Francisco de Assis**. Trad. Marcelo Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Eva barbada**: ensaios de mitologia medieval. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Trad. Manuel Ruas. 3. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994
- _____. **São Francisco de Assis**. Trad. Marcos de Castro. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- _____. **Homens e mulheres da Idade Média**. Trad. Nícia Adan Bonatti. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.
- _____. **A Idade Média e o dinheiro**: ensaio de antropologia histórica. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MARTINEZ, João Flávio. **Os estigmas de Cristo, fato ou mitologia religiosa?** Disponível em: <<http://www.icp.com.br/55materia3.asp>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

- MATTOS, Eduardo. **Desatadora**: a Virgem que o Papa Francisco converteu em fenômeno de fé. São Paulo: MM, 2016.
- MERLO, Grado Giovanni. **Nel nome di San Francesco**: Storia dei frati minori e del francescanesimo sino agli inizi del XVI secolo. 2. reimp. Padova: EFR-Editrici Francescane, 2012.
- PEDRO, Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins**. Trad. Pe. Francisco Costa. Aparecida: Santuário, 1993.
- PORTAL, Frédéric. **El simbolismo de los colores**: en la Antigüedad, la Edad Media y los tiempos modernos. Trad. Francesc Gutiérrez. Barcelona: Sophia Perennis, 2000.
- ROHRBACHER, P. **São Cristóvão, padroeiro dos motoristas e viajantes**. In: Vida dos Santos. Vol. XIII, p. 341-343. Disponível em:<
<http://www.arautos.org/secoes/artigos/doutrina/santos/sao-cristovao-padroeiro-dos-motoristas-e-viajantes-143633>>. Acesso em: 19 abr. 2017.
- SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Vida e Regra. [1221] In: ESSER, Kajetan; HARDICK, Lothar. **Os escritos de São Francisco de Assis**. Trad. Edmundo Binder. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 67-213.
- SPOTO, Donald. **Francisco de Assis**: o santo relutante. Trad. S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- STRÔNGOLI, Maria Thereza. Do signo à retórica do imaginário. In: OLIVERIA, Ana Claudia de; FECHINE, Yvana. (Eds.). **Semiótica da arte**: teorizações, análises e ensino. São Paulo: Hacker Editores, Centro de Pesquisas Sociosemióticas (PUC/SP-USP-CNRS), 1998. p. 99-109.
- VAUCHEZ, André. **Francesco d'Assisi**: tra storia e memória. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2010.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2007.

Artigo enviado em: 21/11/2018. Aprovado em: 07/06/2019.